

AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE EDUCADOR-EDUCANDO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Thiago de Almeida

Doutor em Ciências-USP

E-mail- thiagodealmeida@thiagodealmeida.com.br

Renato Nunes Bittencourt

Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ

Professor do Curso de Administração da FACC-UFRJ

E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

Anieli Rodrigues de Oliveira Torres

Pedagoga – Instituto Taquaritinguense do Ensino Superior (ITES)

E-mail: Ninirodrigues@hotmail.com

Resumo: O processo ensino aprendizagem vem sendo amplamente estudado devido a sua grande importância para a formação profissional e pessoal de muitos indivíduos. Atualmente se pensa que esse processo exige envolvimento de professores, alunos, familiares e todas as redes que cercam esse ambiente, e é de fundamental importância estudos científicos nessa temática já que direta ou indiretamente grande parte da população estará envolvida com esse processo. Este estudo tem como objetivo identificar como os processos afetivos são capazes de promover interações significativas no processo ensino aprendizagem, o que exige uma postura de compreensão, busca da singularidade e valorização dos processos afetivos dos professores. Pode-se constatar com este estudo que os processos afetivos são variáveis significativas para a consolidação de memórias e aprendizagem, sendo que diante de posturas mais afetuosas, por parte do educador, tendem a maximização o desempenho de seus alunos.

Palavras-chave: Afetividade. Afeto. Ensino-aprendizagem. Educador-educando.

Abstract : The learning process has been widely studied because of its importance for professional and personal development of many individuals. Currently it is thought that this process requires involvement of teachers, students, family and all the networks that surround this environment, and it is fundamentally important scientific studies on this subject as directly or indirectly most of the population will be involved in this process. This study aims to identify how affective processes are able to promote meaningful interactions in the learning process, which requires an attitude of understanding, search the uniqueness and value of the affective processes of teachers. It can be seen that affective processes are significant variables for the consolidation of memories and learning, and before fondest postures, by the educator, tend to maximize the performance of their students.

Keywords: Affectivity. Affection. Teaching and learning. Educator-student relationship.

INTRODUÇÃO

O professor é a figura primordial no sistema de ensino, pois é o principal responsável pela manipulação deliberada de contingências de reforço para a promoção da aprendizagem de comportamentos acadêmicos. Embora se considere atualmente que o aluno não é apenas mero recipiente e destinatário dos ensinamentos a ele transmitidos, mas sim, um participante ativo no processo de ensino-aprendizagem, o professor na sala de aula é o grande meio de influência do processo ensino-aprendizagem. Para Osti e Brenelli (2013), a atitude do professor frente a seus alunos têm um papel fundamental na motivação de aprender de seus alunos, podendo reforçar crenças que esses carregam consigo, sejam elas de sucesso ou de fracasso.

De acordo com Maturana (2002, p. 15): “Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”. Assim, para se dar início a essa reflexão, partiu-se do entendimento de alguns autores, a seguir referenciados. Para a problematização que se traz à tona, então, é necessário compreender que:

O processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem que o meio lhes ofereceu até então; estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.12)

Já de acordo com Ferreira e Cunha (2011, p. 7): “A escola atual, na maioria das vezes, tem proporcionado um ensino baseado na transmissão-recepção-memorização de conteúdos que são vazios de significado para os alunos e professores”.

Diante dessas considerações iniciais, pode-se observar que a relação professor-aluno passa, sobretudo, pela compreensão de como se dá o processo ensino-aprendizagem nas relações interpessoais. Adicionalmente, Freire (1996; 2015) reconhece o ser humano como ser em devir, inacabado, incompleto em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela. Ainda de acordo com este autor considera-se que os homens podem se tornar conscientes de sua limitação, pois são seres que se superam, para os quais a imobilidade representa uma

ameaça fatal e o passado um meio para compreender claramente quem são e o que são para construir o futuro com mais sabedoria. Consequentemente, a construção ou apropriação de um conhecimento se dá através das relações sociais, ou seja, a partir da relação com o outro: seja o professor, sejam os outros alunos, dentre todas as outras possibilidades. Lomonaco (2002, p. 15) diz:

Esse professor e esse aluno, nesse contexto escolar, vão construir, através de um espaço emocional-cognitivo, tanto suas ideias sobre ensino-aprendizagem quanto sua própria aprendizagem. Para aprender, é preciso haver desejo de conhecer esse Outro – sem desejo não há aprendizado. Para aprender é preciso querer conhecer os segredos, descobrir o que está camuflado e que é o que não sei. (p.15)

Então, o ato pedagógico pode ser compreendido como um ato social e, portanto, só pode ocorrer através das relações interpessoais, pois que o meio social é coletivamente o espaço do encontro com este ‘Outro’. Há de se ressaltar que a afetividade entre professor e aluno é um dos fatores que pode favorecer ainda mais a aprendizagem dentro da escola. Dalbosco (2011) vai além e aponta a participação afetiva como fundamento da ação humana: segundo este autor, a vinculação emocional-afetiva é determinante na constituição do mundo humano significativo. Segundo Edgar Morin,

Em um circuito ininterrupto, conhecer implica separar para analisar e religar para sintetizar ou complexificar. Separatista, a prevalência disciplinar nos faz perder a aptidão para religar, a aptidão para contextualizar, ou seja, para situar uma informação ou um saber em seu contexto natural (MORIN, 2015, p. 106).

Os professores, por sua vez, esquecem-se da importância do estreitamento dos laços afetivos com/entre os alunos, pois dependendo da relação afetiva entre o professor e os alunos, estes desenvolvem sentimentos de interesse com relação à escola e ao ensino (FERREIRA; CUNHA, 2011). Tassoni (2013) ressalta que é importante o professor se atentar ao máximo com o aluno, identificando em quais aspectos o mesmo precisa de ajuda e quais são seus potenciais. Além de que práticas como responder a dúvidas, deixar os alunos fazerem intervenções de acordo com suas necessidades, pode ser entendido como uma troca afetiva entre professor e aluno. Alves (2006) ressalta que o afeto serve como estímulo para outras atitudes em contexto escolar, como ser uma pessoa compromissada com os alunos, ter abertura a mudanças. E algumas das características que foram elencadas como características

de boas professoras: simpatia, carinho, paciência, criatividade, tranquilidade, delicadeza, sutileza e ser capaz de ser empática acolher as crianças. Panizzi (2004, p. 15) aponta que:

Essa relação é uma via de mão dupla, professor/aluno, aluno/professor, que faz da sala de aula uma teia de valores, necessidades, aspirações e frustrações que se entrecruzam e, portanto, se influenciam reciprocamente. Por isso, tanto professor quanto aluno são responsáveis por dar o tom a essa relação, mas é imprescindível que compreendamos que nós professores somos maestros nessa sinfonia, quer seja por nossa formação, experiência ou por nossa diferença em relação ao aluno, sujeito em formação, em busca de identidade.

A afetividade assume o lugar das emoções, das paixões e dos sentimentos, enquanto a aprendizagem o lugar do conhecimento, da descoberta, e ambas devem caminhar juntas. Na sala de aula ocorre a junção entre tais elementos, sendo constituída por variações de pensamentos, valores e culturas. Neste sentido, a afetividade, no espaço formal de educação - a escola - é uma necessidade para o ensino-aprendizagem e, a sua falta pode prejudicar o educando. A afetividade está presente no processo aprendizagem em educação infantil, sendo ela um facilitador do processo e o professor um mediador entre a mesma e os alunos. Tassoni (2013) coloca que o ensino de práticas como a leitura e escrita será mais eficiente se houver afetividade envolvida. Ressalta também a importância do contato com os familiares desse para passar o maior número de informações possíveis para que essa relação seja próxima. Complementarmente, Ribeiro (2010) ressalta a importância que teria os docentes receberem uma formação que os fizessem capaz de saberem lidar com os componentes afetivos.

Durante muito tempo, se pensou que o professor deveria ter uma postura autoritária, sendo todos os problemas resolvidos pelo diálogo entre professor e aluno. Atualmente, o educador deve possuir atributos como equilíbrio emocional, e habilidade interpessoal. Além de ter uma postura simétrica ao aluno, não se colocando como o detentor da razão, e sim como um mediador do conhecimento. Muitos estudos vêm trazendo a questão da subjetividade e suas relações com o processo de ensino e aprendizagem, ressaltando cada vez mais a sua importância nos mais determinados aspectos. Osti e Brenelli (2013) dizem que grande parte dos alunos apresentam uma visão negativa de si.

As reflexões submetidas durante os estudos iniciam-se da suposição de que um indivíduo precisa conviver em grupo em meio à sociedade e manter relações para se compreender enquanto ser humano e assim desenvolver uma consciência multidimensional,

aberta para a pluralidade de vivências sociais. Com isso, torna-se indispensável às relações afetivas positivas e significativas, não somente fora, mas também dentro do âmbito escolar para possa adquirir conhecimentos também na construção total do seu eu. Nesse sentido, podemos falar de uma Pedagogia do amor.

No cenário educacional atual, alguns educadores citam determinados problemas na sala de aula, problemas que podem ser resultado pela falta de afetividade, sendo que nessa investigação serão levantadas algumas questões sobre a falta de afetividade. Levantam-se algumas questões como: que relação pode existir entre educador e educando e como essa relação/interação pode influenciar no desenvolvimento e aprendizagem no ambiente escolar? Quais as relações e possíveis soluções para o fracasso escolar diante das relações de afetividade? O papel da escola é o de desvelar essa situação por meio de discussões que explicitem os diferentes tipos de violência, tais como física, moral, simbólica em que jovens, adultos e crianças podem sofrer, auxiliando o aluno a reconhecer atitudes violentas, prevenir-se contra elas. Tanto ser capaz de identificar atitudes de violência e, ao mesmo tempo, a valorização de atitudes de solidariedade identificados na escola e fora dela. Conforme a explanação de Paulo Freire,

Toda a relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta. Não importa que se faça através de meios drásticos ou não. É, a um tempo, desamor e óbice ao amor. Óbice ao amor na medida em que dominador e dominado, desumanizando-se, primeiro, por excesso, o segundo, pela falta de poder, se fazem coisas. E coisas não se amam (FREIRE, 2006, p. 49).

Debater sobre afetividade é dar créditos a uma educação com relevância social. Sendo que para formar indivíduos honestos e responsáveis é necessário conhecer o seu processo de desenvolvimento e suas relações com o mundo. É essencial falar que no serviço pedagógico deve-se dirigir a relação afetiva que vai influenciar na consideração de si mesmo, levando em consideração as diferenças de cada indivíduo. Nesse contexto, Paulo Freire é enfático:

Qualidade da educação: educação para a qualidade; educação e qualidade de vida, não importa em que enunciado se encontrarem, educação e qualidade são sempre uma questão política, fora de cuja reflexão, de cuja compreensão não nos é possível entender nem uma nem outra. Não há, finalmente, educação neutra nem qualidade porque lutar no sentido de reorientar a educação que não implique uma opção política e não demande uma decisão, também política de materializá-la. (FREIRE, 2015, p. 50-51).

Pretende-se, neste estudo, debater a importância da escola, da sociedade e da família no processo de ensino-aprendizagem do educando. E, também: (1) Refletir sobre a afetividade no processo de desenvolvimento e relacionamento do educador e educando, articulando análises das relações existentes entre afetividade e aprendizagem na formação do indivíduo em ambiente escolar; (2) Compreender algumas ações pedagógicas que favorecem a afetividade no trabalho do educador; (3) Apontar algumas dificuldades encontradas na relação de afeto entre educador e educando; (4) Questionar a postura do educador frente as dificuldades na relação com seus alunos; (5) Salientar a importância da vida escolar, como propulsor para formação de um vínculo prazeroso com o aprender e a escola de um modo geral.

A escolha desse tema se deve ao fato da preocupação com a afetividade e os conflitos existentes entre os alunos e professores. Pretende-se, também, com este estudo sugerir algumas situações para aguçar maior interesse dos educadores, que como eu, aspiram um sucesso escolar por meio da afetividade educacional.

MÉTODO

Levando-se em conta que o objetivo deste trabalho foi identificar na literatura acadêmica conteúdos relacionados com a questão norteadora dessa pesquisa, que foi identificar como as relações afetivas podem afetar o processo de ensino aprendizagem, utilizando dados dos indexadores BvsPsi, MedLine, Lilacs e PsychoINFO, sem limite de tempo, com os termos/palavras-chave: “afetividade” “educação”, “pedagogia do amor” e os seus correspondentes em inglês, “affectivity” e “education” e “pedagogy of love”, que forneceu um total de 55 trabalhos. Desses, foram excluídas 49 pesquisas, que fugiam do tema proposto neste trabalho por se referirem a trabalhos literários, publicações como livros que não são considerados neste estudo, onde a busca se restringiu apenas a artigos científicos tendo como descritores, pelo menos, dois dos termos buscados, resultando em nove referências. Dentre essas, seis referências (referentes aos estudos TASSONI, 2013; OSTI; BRENELLI, 2013; RIBEIRO, 2010; VERAS; FERREIRA, 2010; GASPAR; COSTA, 2011), todas se referiam ao tema proposto pelo artigo, lembrando que para a discussão dos dados foram incluídas referências adicionais que corroboram diretamente com os crivos deste estudo. Aproveitou-se das intersecções entre as categorias para discorrermos sobre elas na forma de categorias. A seguir, comentar-se-á pormenorizadamente acerca dos nossos achados.

RESULTADOS

A partir das análises realizadas, através da leitura dos textos, criamos as seguintes categorias para melhor discutir os resultados:

Afetividade entre educador e educando

A afetividade está relacionada com o termo “afeto”, no presente momentos fazemos algumas conceituações oportunas, que serão empregadas ao longo deste estudo. Afeto segundo Cunha:

Não é nenhuma nova teoria pedagógica nem a mais nova descoberta científica para dar-nos melhor qualidade de vida. Trata-se de algo que acompanha o homem desde o nascimento da sua história. Todavia fica despercebido nas relações humanas, que por sinal, são humanas por causa dele. Não se trata apenas de uma linguagem ou um caminho para educar. Não se resume em palavras ditas na emoção de um momento nem em valores que descortinamos quando estamos sensíveis. Não é somente a dor que sentimos ou a felicidade que queremos dar. Trata-se de tudo isso junto, movendo nossas mentes, sentimentos e emoções na complexidade do nosso ser na interação com a vida. (CUNHA, 2008, p. 16)

Os afetos podem apresentar várias facetas, estão presentes o amor, raiva, depressão, aspectos expressivos como sorrisos, gritos, lágrimas, desejos, tendências, valores e emoções em geral. O amor é elemento fundamental para o nascimento da pessoa. Apresenta influência na constituição na personalidade e na maneira como que essa se desenvolve, propiciando o acontecimento das relações sociais. O fenômeno amoroso é um estímulo para o desenvolvimento e a aprendizagem, recorrente em relacionamentos afetivo-sexuais, sendo essa uma capacidade que possa ser aprendida. Para Solomon (1992), o amor é um processo emocional que deriva de um conjunto de ideias que são influenciadas pela sociedade e pelo contexto histórico-social nos quais se insere. Essa, também, é uma explicação para mostrar o porquê de haver tanta confusão e tantos entendimentos diversos, quando se discorre sobre tal tema. Há, então, que se ter em mente que o amor, aprioristicamente, é uma crença emocional. E como toda e qualquer crença pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum de seus constituintes afetivos é fixo por natureza (COSTA, 2009). Segundo Ferreira o verbete “afetividade” está definido da seguinte forma:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre dá a impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 1986, p. 55)

Desse modo, a afetividade não se restringe somente a afetos, mas também sentimentos sejam eles de agrado ou de desagrado, enquanto o afeto é definido como qualquer sentimento ou emoção. No contexto escolar, alunos experimentam diversas formas de afeto, podendo ser elas o prazer, a tristeza ou raiva, dentre outras inúmeras possibilidades. Essa vivência demonstra que a afetividade não é uma variável a ser ignorada em contexto de aprendizagem. Para Carvalho (2014), o professor está passível a sentimentos como irritação, angústia, raiva dentre as demais manifestações emocionais humanas. É preciso adquirir a capacidade de lidar com esses sentimentos e não deixar que isso venha prejudicar seu rendimento em sala de aula. E não deixar principalmente que isso atrapalhe sua relação com os alunos. Uma pesquisa apontada por Alves (2006) evidencia o trabalho pedagógicas colocaram o amor a profissão e as crianças como elementos fundamentais para o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Em Psicologia, os afetos são diferenciados como positivos e negativos. A afetividade positiva (AP) designa ao tipo de emoções positivas tanto em entusiasmo e excitação como de baixa energia em calma e tranquilidade). A afetividade negativa (AN) designa emoções como a ansiedade, a raiva, a culpa e a tristeza. É provável que um aluno possa apresentar alta energia nas duas as dimensões (AP e AN), ao mesmo tempo. Seria o caso de apresentar um alto nível de energia entusiasta e, ao mesmo tempo, estar irritado.

Na literatura científica, tende-se a colocar como sinônimos afeto, emoção e sentimento. Sendo que a emoção está relacionada com o componente biológico, designando-se a uma agitação, uma reação de ordem física (FERREIRA; CUNHA, 2011). A emoção é definida, de acordo com Ferreira (1986, p. 635): “Reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha dum estado afetivo de conotação penosa ou agradável”. A palavra emoção vem do latim *movere*, mover-se para fora, externalizar-se. Logo, pode-se entender emoção como a intensidade máxima do afeto. A afetividade apresenta associações com reações psicossomáticas básicas; influencia também a percepção, memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um elemento fundamental para a harmonia e o equilíbrio psíquico das pessoas.

Ações pedagógicas e afetividade no trabalho do educador

Com o passar dos anos houve um acúmulo de modificações sociais. A família passa menos tempo reunida, se comparado a outros momentos da história. O contato com os filhos é limitado, e dos principais objetivos atualmente é ser uma pessoa com uma carreira estabilizada e financeiramente viável. Schettini Filho (2010) coloca em sua obra *Pedagogia da Ternura*, que o desenvolvimento começa desde o momento em que nascemos, e nos mantemos em constante desenvolvimento. A pedagogia da ternura exige envolvimento por parte dos profissionais, tanto no cuidado com o outro, quanto no cuidado de si mesmo. O educando tem que estar aberto a novas possibilidades, respeitando a singularidade de cada aluno.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 9.394, promulgada em 1996, trouxe as bases do que se vem denominando, nos meios acadêmicos, de Agapedia, a Pedagogia do Amor - o respeito à liberdade e o apreço à tolerância, que são inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Os dois têm por finalidade o total desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania ativa e sua qualificação para as novas ocupações no mundo do trabalho. No sentido fundamental, a Agapedia se mostra em dois momentos, crescimento da capacidade de aprendizagem do aluno, com o intuito de adquirir conhecimentos, habilidades e a formação de valores. No Ensino Médio, essa prática se mostra no aprimoramento de alunos como pessoas, interferindo na formação ética, desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico. Concebe-se que toda a atividade, seja ela quaisquer tipos de interação entre duas pessoas, estão impregnadas de afetividade, em um processo vincular. Paulo Freire (2006, p. 104) afirma que “a educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Em períodos, como a Idade Média, não havia uma distinção entre comportamentos de crianças e adultos. As crianças eram melhores tratadas no começo de suas vidas, o conhecimento era mediado por pessoas mais velhas, sendo a criança um adulto em miniatura. O brincar e o afeto não eram considerados em tal período (ARIÈS, 1986).

A afetividade proporciona valor e representa nossa realidade. Ela é capaz de dar valor a tudo que nos cerca, sendo de dimensão atemporal, valorizando o tanto o passado como o

presente. Com o desenvolvimento, é comum que os vínculos passam a se ampliar, e o professor se torna uma figura importante no período escolar. Piaget coloca que no desenvolvimento intelectual existiria o componente cognitivo e o afetivo, sendo que ambos se influenciam no desenvolvimento e para a relação ensino aprendizagem que só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal família-escola, professor-aluno é um fator determinante. Ainda segundo Piaget (1971, p. 271): “A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.”.

O educador diante de problemas de relacionamento

O fracasso escolar é o assunto mais estudado e discutido por profissionais da área da pedagogia e psicopedagogia. O fracasso escolar é difícil de ser definido e compreendido por se tratar de um fenômeno que não é natural, mas resultado das condições de interação entre a proposta de ensino, a assimilação do aprendizado por parte dos alunos, os modelos de ensino e de avaliação, além do contexto escolar e familiar. O fracasso escolar como alguma falha ou desajuste nos planejamentos e execução do sistema de ensino. Desde má formação do docente até os métodos aplicados em contexto de sala de aula são variáveis que podem interferir no fracasso escolar.

Para Sales e Silva (2008); Costa (2009), os exemplos de forças influenciadoras para o fracasso escolar são: pais que não estão presentes e nem valorizam o filho na escola, má estrutura familiar, pouco tempo disponível para essa criança estudar, má formação dos professores, escolas sem estrutura, dificuldades na relação com a direção da escola. Costa (2009) menciona a iniciação sexual como um fator desencadeante de problemas escolares, já que muitos desses jovens passar a ser pais jovens e assumem novos papéis em suas vidas podendo até deixar a escola.

Segundo Ferreira e Cunha (2011), o contexto familiar é onde o educando vive grande parte de suas experiências, sendo que na família é onde se estabelece a afetividade, amor, ciúme dentre outros aspectos psicológicos, sendo esperado que essa família seja capaz de formar um cidadão para a sociedade.

A aprendizagem é um processo vincular que ocorre do encontro de subjetividades. No processo de aprendizagem está envolvido tudo aquilo que foi herdado em interação com o ambiente. Aprendizagem é uma construção singular que se dá da interação do indivíduo com o seu meio, onde existe a transformação das informações em conhecimento.

No fracasso escolar a criança não tem um problema de aprendizagem, mas eu, como docente, tenho um problema de *ensinagem* com ele (FERNANDEZ, 1994). Em psicologia o conceito de competência se refere a traços que permitem ao indivíduo atingir determinada realização ou desempenho. Tal situação se dá, segundo o parecer de Jorge Thums, pelo fato de que

A escola está longe de seus objetivos, de suas metas, de suas intenções. Não está formando ninguém, pelo contrário, está contribuindo significativamente para o empobrecimento do espírito dos estudantes. Estamos enfatizando o cognitivo, mas nos esquecemos do afetivo. O esquecimento do afetivo supõe uma má educação do cognitivo (THUMS, 1999, p. 91).

As escolas visam atualmente desenvolver projetos, onde existam uma maior aproximação de todos os envolvidos no processo, pais, alunos, professores. É importante que nesses projetos estejam presentes o envolvimento dos pais, onde eles sejam figuras ativas no processo, e sejam capazes de acompanhar e cobrar resultado dos filhos mediante a tarefas propostas pelo educando. Dessa forma, ao tentar maximizar o ensino é não patologizar a criança com dificuldade e sim ampliar as formas de intervenção. Portanto, é tarefa e desafio da escola assumir com eficácia, juntamente com a família, a função de oferecer ao educando oportunidades de progredir como ser humano.

A escola como um ambiente de trocas afetivas

A escola tem como principal objetivo oferecer conhecimento aos alunos, mas atualmente acaba por ter outras funções. A escola assume um papel de desenvolver habilidades sociais com os alunos, sendo muitas vezes esse meio também se encarrega da educação desses alunos, papel que é atribuído aos pais.

O educador pode propor atividades em grupo para desenvolver a cooperação, trabalho em grupo e estabeleçam relações de reciprocidade. No contexto escolar, momentos de afetividade podem contribuir para o desenvolvimento de personalidades capazes de construir e desenvolver conhecimento. Mas é comum que as escolas se restrinjam a passar o conteúdo

de maneira sistematizada e tiram a possibilidade de proporcionar a afetividade entre os alunos.

A escola é um espaço favorável para se desenvolver as relações de afetividade, pois é importante para ter um desenvolvimento efetivo de personalidade enquanto um indivíduo ativo em sua vida, assumindo-se como meio facilitador no processo de ensino-aprendizagem e também na relação professor-aluno. Entretanto, a escola é um fator que acarretará para o sucesso ou fracasso escolar e, segundo Lima (2008, p. 47):

Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições. Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto no desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente.

E o principal papel do professor é o de orientar e guiar as atividades dos alunos, fazendo com que aprendam, progressivamente, o que significa e representa a convivência escolar diante da realidade do educando. A criança se desenvolve não só aprendendo as coisas que lhe são ensinadas na escola. Também aprende a desempenhar papéis, a se relacionar afetivamente com as outras pessoas da família e da comunidade. Desta forma, o aspecto afetivo do desenvolvimento da criança se auto reproduz e se produz junto ao grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo considera que a afetividade é o vínculo emocional capaz de proporcionar ao educando a capacidade de caminhar com as próprias pernas, ou seja, ser capaz de se desenvolver afetivamente, socialmente, cognitivamente, para o futuro que o aguarda. Como foi observado, neste estudo, muitos poucos estudos foram conduzidos priorizando o tema afetividade e a relação afetiva entre professor e aluno. Visando a importância da afetividade, percebe-se que há uma preocupação dos educadores em agir afetivamente com seus educandos, auxiliando em momentos de interações sociais capazes de impulsionar o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas dimensões, isto é, cognitiva, afetiva e social. De uma outra maneira é essencial evidenciar as relações afetivas que acontecem no decorrer

do seu desenvolvimento do educando, pois isso contribuirá para que a relação professor e aluno seja harmônica e respeitável.

A afetividade é a peça essencial na relação e interação com as pessoas que estão inseridas com o desenvolvimento do educando. No entanto, muitas vezes, a escola atual, tem se preocupado e focado apenas em um ensino baseado na transmissão, recepção, memorização de conteúdos que vazios de significado para os alunos e professores, que por sua vez, deixam para trás laços afetivos com seus educandos, pois dependendo da relação afetiva entre o educador e educando, irá se desenvolver sentimentos de interesse com relação à escola e ao ensino.

Pensa-se que devido a educadores não compreenderem importância de se trabalhar a afetividade como forma de desenvolvimento e formação do processo de aprendizagem, buscou-se a aprovação desses fenômenos visando a importância das relações afetivas revelando as dificuldades inseparáveis ao desenvolvimento da aprendizagem, que na maioria das vezes são fundamentados em práticas tradicionais onde se evidenciam somente as áreas verbal e lógico-matemática da inteligência.

O educador precisa compreender a educação como um processo social e fundamental na formação integral do educando. Para isso, o professor deve adotar uma prática humanitária, levando em conta as experiências cotidianas do aluno, os diálogos travados, estabelecer laços de afetividade, pois está lidando com pessoas. Então, a escola deve ser um espaço agradável, no qual os indivíduos alcancem o total desenvolvimento de suas capacidades corporais, cognitivas, afetivas, emocionais, estéticas, éticas e de relação interpessoal. E como já apontado nos estudos anteriores é tarefa e desafio da escola assumir com eficácia, juntamente com a família, a função de oferecer ao educando oportunidades de progredir como ser humano. Cabe aos futuros educadores aprofundar a questão da afetividade no âmbito escolar.

Quanto ao fenômeno do fracasso escolar, alguns pontos de desajuste foram obtidos como causadores deste, os problemas foram apontados devido à má formação do docente, na exigência dos conteúdos, na fragmentação curricular ou, ainda, nas possibilidades oferecidas aos alunos para o aprendizado. Uma proposta que auxilie a formação dos educandos seria uma escola com menos interesse em atender às necessidades do modo de produção capitalista, e sim evidenciando a formação plena do sujeito.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. N. L. “Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende”: significados da docência em Educação Infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29, 2006, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. CD-ROM.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

CARVALHO, R. S. O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 1, 2014, p. 231-246.

COSTA, F. **O fracasso escolar e as deficiências na formação do professor**. 2009. Disponível em: <www.webartigos.com/articles/23750/1/O-Fracasso-Escolar-e-as-Deficiencias-na-Formacao-do-Professor/pagina1.html>. Acesso em: 24 abr. 2011.

CUNHA, E. **Afeto e aprendizagem: amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DALBOSCO, C. A. “Reificação, reconhecimento e educação”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, 2011, p. 33-49.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência escondida na professora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, A. S.; CUNHA, E. “Pedagogia e afeto: um olhar sobre o ensino e a aprendizagem”. **Revista Científica Contexto Itaboraí**. Itaboraí: Faculdade Cenecista de Itaboraí/FACNEC, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GASPAR, F. D. R.; COSTA, T. A. “Afetividade e atuação do psicólogo escolar”. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, 2011, p.121-129.

LIMA, M. G. S. **A afetividade e suas relações no processo de ensino e aprendizagem**. Monografia apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Kurios - FAK como requisito parcial para obtenção do grau de Pós-Graduado em Psicopedagogia Clínica e Institucional com Ênfase em Gestão Escolar. Iguatú, 2008.

LOMÔNACO, B. P. **Aprender: verbo transitivo: a parceria professor-aluno na sala de aula**. São Paulo: Summus, 2002.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. “Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon”. **Psicologia da Educação**, v. 20, 2005, p. 11-30.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MORIN, E. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. “Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem”. **Psico-USF**, Itatiba, v. 18, n. 3, 2013, p. 417-426.

PANIZZI, C. A. F. L. “A Relação afetividade-aprendizagem no cotidiano da sala de aula”. **Anais da 27ª Reunião Anual da Anped**. 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t132.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RIBEIRO, M. L. “A afetividade na relação educativa”. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 3, 2010, p. 403-412.

SALES, A. M. B.; SILVA, T. L. **As causas e consequências do fracasso escolar**. Rolim de Moura: Faculdade de Rolim de Moura-Farol, 2009. Disponível em: <sergioetiane.blogspot.com/2009/01/as-causas-e-consequencias-do-fracasso.html>. Acesso em: 24 abr. 2011.

SCHETTINI FILHO, L. **Pedagogia da ternura**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOLOMON, R. C. **O amor: reinventando o romance em nossos dias**. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Saraiva, 1992.

TASSONI, E. C. M. “Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar”. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2013, p. 524-544.

THUMS, J. **Educação dos sentimentos**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

VERAS, R. S.; FERREIRA, S. P. A. “A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário”. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 38, 2010, p. 219-235.